

Gerald Salles Lane

O Embaixador Calvet de Magalhães foi duas vezes presidente do Conselho Director do Grémio Literário – em 1967 e 1968 – por sugestão de Pedro Corte-Real Pinto, então membro do Conselho Director e Cônsul Geral de Portugal em Paris.

A amizade e confiança que eu tinha em Pedro Corte-Real Pinto e, sobretudo, os encómios que o mesmo fazia ao Embaixador Calvet de Magalhães levaram-me a patrocinar a presidência do Grémio Literário na pessoa de Calvet de Magalhães. O Grémio Literário encontrava-se, então, dividido em duas facções rivais e aguerridas. Uma chefiada pelo Dr. António Alvim e outra por mim, que representava o Grémio Literário em via de renovação, ao que aqueles «tradicionalistas» se opunham violentamente.

Em Abril de 1968 teve lugar a «batalha» em assembleia ordinária, tendo vencido a nova Direcção presidida por Calvet de Magalhães e que iria durar dois exercícios. Com o prestígio de que desfrutava na sociedade civil e junto dos sócios do Grémio Literário, foi serena e discretamente criando o apaziguamento na nossa Associação.

Esteve Calvet de Magalhães ligado às iniciativas culturais a que deu toda a sua colaboração e cultura oitocentista. Foram dois ou três anos empolgantes, como recorda Mário Quartin Graça, em que nem José Calvet de Magalhães nem nenhum de nós medíamos o tempo ou o valor do nosso trabalho e somente parávamos de vez em quando para avaliarmos o caminho percorrido. Já com a sede perfeitamente reinstalada, foi o jantar solene comemorativo do aniversário do Grémio, foi a proclamação dos Sócios Honorários, foi a publicação da *Gazeta*, foi a instalação do Conselho Literário e da Secção de Estudos do Século XIX, foi a chegada diária ao seio do Grémio de dezenas de personalidades de maior destaque na vida cultural, profissional, empresarial, social e política de Lisboa, foi, enfim, a substituição de uma instituição moribunda pela que passou a ser a mais pujante instituição lisboeta.

Recordo-me da alegria sentida por mim quando o Embaixador Calvet de Magalhães nos falou da «neutralidade literária» como objecto cultural a prosseguir pelo Grémio Literário. Este conceito haveria de ser retomado na excelente obra do nosso Presidente, Embaixador José Calvet de Magalhães, *Garrett, a Vida Ardente de Um Romântico*. De acordo com a investigação levada a cabo por Calvet de Magalhães, os nossos fundadores Almeida Garrett e José Estevão, promoveram, a partir de 1 de Agosto de 1846, neste nosso Grémio, reuniões aos domingos de onde saiu uma declaração assinada também por Alexandre Herculano e Rodrigo da Fonseca cuja ideia central era a da «neutralidade literária» que preconizava a livre cooperação dos escritores em qualquer publicação periódica, empresa ou sociedade, independentemente da cor política. Os signatários desta mesma declaração consideravam «aquela nobre tolerância como meio adequado a proteger o desenvolvimento da civilização e como prova de ânimo generoso se honrarão de *pospor mesquinhas preocupações às conveniências do progresso moral e intelectual do país(...)*»

Esta perspectiva histórica baseada na tolerância ideológica e partidária marcou as Direcções subsequentes que através de eventos culturais realizados se inspiraram nessa mesma neutralidade literária de Garrett e José Estevão.

A neutralidade literária transformou-se no comportamento habitual para a nossa associação, o que nos permitiu atravessar alguns momentos difíceis da nossa história. Pessoalmente, Calvet de Magalhães marcou o estilo das minhas sucessivas presidências do Conselho Director.

Muito inteligente, culto, cordato e com grande espírito de persuasão e conciliação, tornou-se uma referência inevitável da história do Grémio Literário. Foi por esta razão que, em 17 de Fevereiro de 1997, propus o nome do Embaixador Calvet de Magalhães para Presidente honorário do Grémio Literário, o que foi unanimemente aceite por deliberação de assembleia extraordinária.

Admiro o homem, o diplomata, o intelectual e Presidente Honorário do Grémio Literário a quem presto a minha pública homenagem.